

EDUCAÇÃO

Pesquisa do IBGE aponta melhoria no ensino

De acordo com a PNAD de 1996, País tem menos analfabetos do que em 1992; apesar do avanço, apenas 16,2% da população tem o 2.º grau completo em relação aos 75% no Primeiro Mundo

SUELY CALDAS
e ELIANE AZEVEDO

RIO — O Brasil tem mais crianças na escola, menos analfabetos e maior nível de instrução do que há quatro anos, mas ainda apresenta apenas 16,2% da população com o segundo grau completo — em países do Primeiro Mundo, esse índice chega a 75%. Os dados fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD) de 1996, que o presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Simon Schwartzmann, divulga hoje. O Estado teve acesso, com exclusividade, aos números relativos à área de educação.

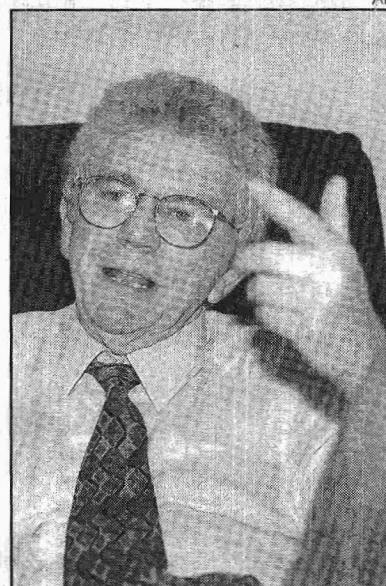
Os avanços são visíveis, embora não retumbantes. Em 1992, o percentual de crianças de 7 a 14 anos que não estava na escola era de 13,4%. Na nova PNAD, a taxa caiu para 8,8%. “Isso demonstra que o maior problema hoje, no Brasil, não é mais o do acesso à escola ou, pelo menos, à 1.ª série do 1.º grau”, aponta o pesquisador Ruben Klein, do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), um órgão

do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Especialista em estatísticas sobre educação básica, Klein diz que, em 1995, segundo os dados da PNAD daquele ano, a taxa de participação da população na 1.ª série era de 97%. “Considerando-se que pelo menos 1% de qualquer população é de deficientes físicos e mentais e não segue o ensino regular, temos de colocar apenas mais 2% de crianças na escola, que estão, na maioria, nas áreas rurais”, afirma. A mais baixa taxa de escolarização é no Nordeste (86,4%).

TAXA DE
CRIANÇAS FORA
DA ESCOLA CAIU DE
13,4% PARA 8,8%

Analfabetos — Dá para comemorar também a queda do índice de analfabetismo na população de 10 anos ou mais: passou de 16,5% para 13,8%. Na faixa entre 10 e 14 anos, caiu de 12,4% para 8,3%, mas 80% dos analfabetos dessa idade estão no Nordeste. “Os índices da analfabetismo vêm despencando num reflexo da expansão da rede escolar que começou nas décadas de 50 e 60”, analisa o coordenador de Planejamento e Políticas Públicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Divonzir Arthur Gusso. “Na



Schwartzmann, do IBGE

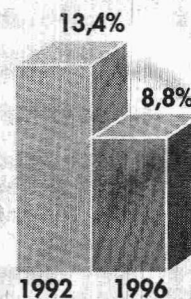
faixa entre 15 e 29 anos, que é a mais importante, pois nela ocorre a inserção no mercado de trabalho, o analfabetismo não deve chegar a 6%.”

Os dois especialistas discordam da metodologia do IBGE, que utiliza o critério de “10 anos ou mais”. Para eles, isso provoca uma certa distorção dos dados. Klein prefere trabalhar com o percentual máximo de participação da população no ano escolar. Traduzindo: até 25/27 anos, chega-se ao auge da taxa de participação na 3.ª série do 2.º grau, que é de 27% (segundo dados da PNAD 95). Ou seja, o País teria, na verdade, um máximo de 27% de pessoas com 2.º grau completo — um número sofrível, mas melhor do que os 16,2% do IBGE.

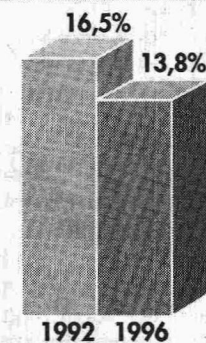
EDUCAÇÃO EM NÚMEROS

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 96 em comparação com 92

Crianças de 7 a 14 anos
fora da escola



Analfabetismo
(a partir de 10 anos)



Fonte: IBGE

A. Estado